

EXORCISMO: A TRANSCENDÊNCIA DE UM RITUAL PLURIÉTNICO

Mozart Pereira da Silva Neto - FMB
Monica dos Santos Pereira

RESUMO: Expulsar o Demônio não é uma exclusividade da Igreja Católica, “*Vade de retro, Satanás!*”, no decorrer dos séculos, vemos a intervenção da Igreja junto ao Imaterial, travando a grande luta entre o bem e o mal, entre Deus e o Adversário. “Houve então uma guerra no céu. Miguel e seus anjos lutaram contra o dragão, e o dragão e os seus anjos revidaram.” Apocalipse 12:7. Como as religiões encaram a existência do Coisa-Ruim ao longo da história? Quase todos os povos de hoje que ainda vivem isolados, a base da coleta e da caça, creem na interação entre nosso mundo e o dos espíritos. Para se proteger de entidades más, recorrem a xamãs, que podem ser considerados “exorcistas primitivos”. Por isso, antropólogos acreditam que os primeiros humanos modernos também já tinham essa crença há milhões de anos

INTRODUÇÃO

Na mesopotâmia (onde hoje, em grosso modo, fica no Iraque), lar de povos como babilônios e assírios, há registros escritos de formulas para exorcismo com mais de 4 mil anos. Os demônios mesopotâmicos eram grandes causadores de problemas de saúde, como a “diaba” *Lamashtu*, que fazia partos darem errado e *Alú*, que atacava as pessoas durante o sono.

Curiosamente quase não há exemplos desse fenômeno em todo o antigo testamento da Bíblia. A serpente do Éden, por exemplo nunca é chamada explicitamente de diabo. No Novo Testamento, Jesus encara o infame demônio Legião, que perturbava um homem de Gerasa (Atual Jordânia).

Ao analisar a história o modo de enxergar o diabo pelo judaísmo e Cristiano e baseado nos Persas e Grego onde a palavra “Demônio” é grega e designava, espíritos intermediários entre deuses e homens, que podiam ser bons ou maus. Já os persas desenvolveram a ideia de uma luta cósmica entre um deus bom e sua contraparte ruim.

Com o tempo os exorcismos se tornaram tão importantes no judaísmo que, segundo alguns autores do Séc. 1 d.C., Como Flavio Josefo, os judeus passaram a ser considerados experts. Faziam até demonstrações para o exército romano. As técnicas envolviam queimar certas raízes de plantas, numa tradição supostamente criada pelo Rei Salomão.

O hinduísmo e o budismo também acreditam em possessão, mas costumam achar que ela é causada pelas almas inquietas dos mortos. O exorcismo budista, por exemplo, tenta ajudar tanto o possuído quanto o espírito estimulando esse último a se tornar mais “desapegado” das coisas terrenas libertando sua vítima e a si mesmo.

O oficializado do exorcismo veio a partir de 363 d.C. no concílio de Laodicéia onde estabeleceu que os exorcistas só poderiam atuar com a autorização do Bispo, por volta do ano 500 d.C., foi publicada a primeira instrução oficial de como realizar o ritual no documento *Statuta Ecclesiae Latinae*.

AS RELIGIÕES ÉTNICAS

A utilização de meios de proteção contra os males infligidos por espíritos malignos, reais ou não, segue naturalmente a existência da fé na sua existência e é, e sempre será, a característica das religiões étnicas, independentemente do seu estágio de desenvolvimento.

Apenas duas das religiões da Antiguidade (a egípcia e a babilônica) se enquadram nesta linha de pensamento.

Mas não é uma tarefa simples, sobretudo no caso destas duas religiões, isolar o tema do exorcismo de toda a massa de pura magia na qual o ritual está submerso.

Os egípcios atribuíam aos demónios certas enfermidades e vários tipos de males, acreditando na eficácia das palavras mágicas e dos encantamentos para os espantar ou expulsá-los. O morto necessitava especialmente de ser fortalecido pela magia de forma a passar com segurança e tranquilidade do plano terreno para o plano espiritual. Todavia, não existem registo claros da prática do exorcismo nos documentos egípcios que nos chegaram até hoje. O caso mais famoso foi a expulsão de um demónio da filha do Príncipe Bekhten, em que se invocou o deus Khonsu para tal fim. O demónio retirou-se quando confrontado pelo deus egípcio e fez-lhe um grande banquete antes que ele abandonasse o local.

A magia babilônica misturava-se amplamente com a medicina. Certas doenças eram consideradas possessões demoníacas e o exorcismo era considerado a única forma de as curar. Assim, eram empregues certas fórmulas de esconjuro, através das quais algum deus, deusa ou deidade era invocado para expulsar o mal e curar as consequências da possessão. Uma das fórmulas de exorcismo usadas na Babilónia era a seguinte:

*“Ao demônio que se apodera de um homem, ao demônio (ekimmu) que se apodera de um homem, ao demônio que causa o mal, Ao demônio do mal,
Conjura, Oh espírito do céu;
Conjura, Oh espírito da terra”*

O EXORCISMO

Uma dor excruciante atacava os braços e as pernas da jovem. Era tão intensa que fazia de cada passo um suplício – assim, a moça permanecia na cama até o pesadelo passar. Só que o tormento voltava toda a semana, e ela viveu coisas que pareciam saídas de um filme de terror. Perdeu a consciência e passou a falar palavras sem sentido. Manchas de sangue afloraram na sua pele – e caprichosamente desenharam cruzes, letras, palavras e pequenas frases: “Tenha paz”, “Estou contigo”, “Você é minha”. Numa crise mais forte, a possuída foi levada a uma igreja católica e atendida por um padre. Ele pôs as duas mãos sobre a cabeça dela e falou algumas palavras em aramaico. O ritual prosseguiu com orações e ordem para expulsar o demônio. No mesmo dia, a jovem estava totalmente curada.

Esses relatos já foram retratados de várias formas, através de livros, filmes e contos, o certo é que essas experiências são relatadas desde os primórdios do entendimento do homem, sem ver cor, raça ou classe social, esse relato acima trazido pela revista Superinteressante no ano de 2006, nos mostra como as possessões são vistas e tratadas.

O nascimento do Diabo

A história da humanidade já começou endiabrada. O mal infligido foi a primeira ideia que passou pela cabeça de nossos antepassados.

Figura emblemática presente no imaginário popular europeu devido à ascensão do cristianismo à religião dominante, o Diabo – personificação do Mal – recebeu diversas definições que o moldaram através dos séculos. Ludibriável, temido e apreciado, ele assumiu, conforme o veio cultural de cada época, seus adjetivos e contornos, porém, sempre esteve presente no seio da sociedade ocidental, contribuindo para o avanço do ocidente, se adaptando as suas transformações e dialogando com a mentalidade cultural de cada época.

Figura pouco discutida na Idade Média, limitada a discussão teológica a alguns concílios, aos monastérios e à elite laica cristã, não havia um consenso sobre quem ou o que era o Diabo.

Satanás tinha assim saído dos quatro primeiros séculos do cristianismo com um singular estatuto: ele existia efetivamente, mas não se sabia verdadeiramente quem ele era nem por que é que tinha nascido. Em termos filosóficos, poder-se-ia assim concluir que a sua existência tinha precedido a sua essência. Muitas autoridades tinham cada uma a sua idéia acerca disso, mas ele não existia de comum acordo; em suma, não havia teoria do Diabo. (MESSADIÉ, 2001, p. 345).

Valendo-se da indefinição da Igreja acerca da origem do Diabo, grande parte do imaginário popular existente enquadrava-o como ser inferior ao homem e objeto de escárnio e zombaria, podendo ser facilmente vencido. O imaginário relativo ao Diabo durante a baixa Idade Média enriqueceu-se através das lendas transmitidas oralmente ou de forma escrita, mas especialmente pelas peças teatrais de apelo popular. Tais encenações permitiram um vasto conteúdo a ser desenvolvido mais amiúde por outros artistas, os quais, ao entrarem em contato com a estética teatral, contribuíram para a evolução da representação do Diabo na arte.

A ligação mais íntima entre o Diabo da arte e o Diabo da literatura é o demônio do teatro. A elaborada literatura de visão sobre o inferno influenciou as artes de representação tanto quanto Dante, e algumas pinturas são virtualmente ilustrações de tais visões. Arte e teatro influenciam-se pelo menos no fim do século XII, quando o teatro vernáculo começou a ser popular. A representação do Diabo no teatro foi derivada de impressões visuais e literárias, e em troca artistas que tinham visto produções de teatro modificaram a própria visão deles. O pequeno e preto diabinho que não pôde ser representado facilmente no teatro declinou no final da Idade Média. O desejo de impressionar as audiências com fantasias grotescas pode ter encorajado o desenvolvimento do grotesco na arte, fantasias de animais com chifres, rabos, presa, casco rachado e asas; fantasias de monstro, meio-animal e meio-humano; e fantasias com faces nas nádegas, barriga ou joelhos. Máscaras, luvas com garras e dispositivos para projetar fumaça pela face do demônio também eram usados. (RUSSELL, 2003, p. 245-6).

No entanto, a discussão sobre o Diabo e seu papel mudou nos séculos seguintes. No outono da Idade Média tornou-se forte objeto de acirrados debates teológicos a partir do século XII-XIII quando a unificação das ideias sobre as capacidades e características do Diabo e de seus auxiliares, os demônios, revelou-se necessária à Igreja. Dava-se, desse modo, o desenvolvimento de uma obsessão diabólica com o objetivo de identificar os inimigos da Igreja.

Pode-se datar do fim do século XII, o momento em que, devido sobretudo à acentuação das ameaças heréticas, se passa de um estado de relativo equilíbrio na

matéria a uma acentuada preocupação pela ação diabólica. A amplitude das ameaças com que se acha confrontada a Igreja, com os Bogomilos, os Valdenses e os Cátaros, sem esquecer a pressão turca e a presença dos judeus, explica em parte a atenção obsessiva que é dada ao Diabo. Como muito bem viu Jean Delumeau, instala-se na cristandade um medo difuso que ajuda a criar a ideia de que está em curso um ataque concertado contra o cristianismo, um ataque conduzido por uma potência sobrenatural, pelo inimigo, o Diabo. (MINOIS, 2003, p. 68).

A partir do século XII e seguintes, devido às transformações engendradas pela sociedade europeia no campo da política e da economia, as quais confluíram para uma significativa evolução das instituições e devido também à necessidade europeia de empreender uma maior coerência religiosa e refletindo os problemas sociais da época, o Diabo passou a assumir um papel importante na formação do imaginário ocidental através das imagens sobre o Juízo Final e o Inferno.

O Ritual de Exorcismo Romano

O procedimento de exorcismo teve seu primeiro relato por Tertuliano um apologista cristão que viveu entre os séculos 2 e 3. O texto descreve a imposição de mãos sobre o possuído, o sopro no rosto dele e o ato de pronunciar o nome de Jesus. No século 4, já havia em Roma uma ordem de clérigos especializada em conjurar espíritos das trevas chamado de “EXORCISTADO”.

Nessa época, disseminou a crença de que os demônios eram poderes que desciam do ar e tinham relações sexuais com as mulheres. Até Santo Agostinho, um dos maiores pensadores do cristianismo, acreditava que as bruxas eram produtos dessas uniões proibidas. Esse tipo de pensamento imperou por toda a idade média, mas os casos de exorcismo se tornaram corriqueiros de verdade no renascimento, quando a Igreja procurou aumentar sua influência na sociedade.

A partir do século 15, a caça a bruxas, a peste negra, as guerras e a fome fizeram com que as pessoas passassem a pensar que o diabo estava tomando conta do mundo.

Com isso vários textos foram redigidos para orientar os exorcistas na sua luta contra o mal.

Sendo um manual Católico;

- O local deve ser reservado, longe de multidão.

• Familiares e amigos podem estar presentes para REZAR, mais de forma alguma podem falar com o possesso. (Para não serem enganados pelo diabo)

• O Rito inicia com a aspersão com água benta, que pode ser adicionada de sal (Rito babilônico)

• Durante o ritual recitasse um ou mais salmos que exaltam a vitória de Cristo sobre o maligno e proclama o evangelho.

• O exorcista invoca o Espírito Santo e sopra a face do atormentado, como o possesso pode ter força sobre humana é necessário amarrá-lo

• O poder da cruz – é traçado sobre o possesso

• As palavras de conjuramento do Espírito são proferidas Exorcista.

Conjuramento: *Statuta Ecclesiae Latinae*.

EXORCISMVS

*Exorcizamus te, omnis immundus spiritus,
omnis satanicapotestas, omnis incursio infernalis adversarii,
omnis legio, omnis congregatio et secta diabolica,
in nomine et virtute Domini Nostri Jesu +
Christi, eradicare et effugare a Dei Ecclesia, ab animabus ad imaginem
Dei conditis ac pretiosodivini Agnisanguineredemptis + .
Non ultra audeas,
serpens callidissime, decipere humanum genus,
Dei Ecclesiampersequi, ac Dei electosexcutere et cribraresicuttriticum + .
Imperattibi Deus altissimus + ,
cui in magna tua superbia te similem haberi adhuc praesumis;
qui omnes homines vult salvos fieri et ad agnitionem veritatis venire.
Imperattibi Deus Pater + ;
imperattibi Deus Filius + ;
imperattibi Deus Spiritus Sanctus + .
Imperattibi majestas Christi, aeternum Dei Verbum,
caro factum + , qui pro salute generis nostri tua invidia perdisti,
humiliavit semetipsum facit se humiliat ad mortem;
qui Ecclesiam suam aedificavit supra firmam petram,
et portas inferi adversus eam nunquam esse prevalitur ad dicit,
cum ea ipse permansurus omnibus diebusque ad consummationem saeculi.
Imperattibi sacramentum Crucis + ,
omniumque christianae fidei Mysteriorum virtus + .
Imperattibi excelsa Dei Genitrix Virgo Maria + ,
quae superbissimum caput tuum a primo instanti immaculatae
suae conceptionis in sua humilitate contrivit.
Imperattibi fides sanctorum Apostolorum Petri et Pauli,
et ceterorum Apostolorum + .
Imperattibi Martyrum sanguis, ac pia Sanctorum
et Sanctarum omnium intercessio + .*

*Ergo, dracone maledicte et omni legi diabolica,
adjuramus te per Deum + vivum, per Deum +
verum, per Deum + sanctum, per Deum qui sic dilexit mundum,
ut Filium suum unigenitum daret,*

*ut omnes qui credit in eum non pereat, sed habeat vitam æternam:
cessa decipere humanas creaturas,
eisque æternæ perditionis venenum propinare:
desine Ecclesiæ nocere, et ejus libertati laqueos injicere.
Vade, satana, inventor et magister omnis fallaciæ,
hostis humanæ salutis. Da locum Christo, in quo nihil invenisti de operibus tuis;
da locum Ecclesiæ uni, sanctæ, catholicæ,
et apostolicæ, quam Christus ipse acquisivit sanguine suo.
Humiliare sub potentia manu Dei;
contremisce et effuge, invocato a nobis sancto et terribili nomine Jesu,
quem inferi tremunt, cui Virtutes cælorum et Potestates
et Dominationes subjectæ sunt;
quem Cherubim et Seraphim indefessis vocibus laudant, dicentes:
Sanctus, Sanctus, Sanctus Dominus Deus Sabaoth.
V. Domine, exaudi orationem meam.
R. Et clamor meus ad te veniat.
[si fuerit saltem diaconus jungat V. Dominus vobiscum.
R. Et cum spiritu tuo.]*

Oremus.

*Deus coeli, Deus terræ, Deus Angelorum,
Deus Archangelorum, Deus Patriarcharum,
Deus Prophetarum, Deus Apostolorum,
Deus Martyrum, Deus Confessorum,
Deus Virginum, Deus qui potestatem habes donare vitam post mortem,
requiem post laborem; quia non est Deus præter te,
nec esse potest nisi tu creator omnium visibilium et invisibilium,
cujus regni non erit finis: humiliter majestati gloriæ tuæ supplicamus,
ut ab omni infernalium spiritu potestate,
laqueo, deceptione et nequitia nos potenter liberare,
et incolumescere custodire digneris. Per Christum Dominum nostrum. Amen.
Ab insidiis diaboli, libera nos, Domine.
Ut Ecclesiam tuam secure tibi facias libertates servire,
te rogamus, audi nos.
Ut inimicis sanctæ Ecclesiæ humiliare digneris,
te rogamus audi nos.
Et aspergatur locusaquabenedict.*

O EXORCISMO MODERNO

As fogueiras que mataram muitos homens, ao que parece, não fizeram grande mal ao Diabo. Assim, os navios que aportaram no Brasil traziam também os demônios que assombravam seus tripulantes. Os primeiros relatos de exorcismo genuinamente nacional, datam do século 18. Como na antiga Mesopotâmia, tratava-se de uma prática terapêutica: Luís de Nazaré, um frade de Salvador, tinha como ofício “exorcizar os energúmenos e outros que recorrem a ele em suas enfermidades”. Quando não conseguia curar o paciente, ele os encaminhava para os negros – e os atabaques dos cultos africanos tentavam dar conta do recado.

Com o aumento do número de exorcistas fez com que, em 1999, a igreja editasse na Europa o Ritual de exorcismo e outras súplicas. O manual foi lançado no Brasil em

2005 e já vendeu 2.100 exemplares. Nele, o leitor encontra instruções detalhadas para empreender um ritual de exorcismo, com gestos, trechos bíblicos e cantos a serem entoados.

CONCLUSÕES

Ao ver a evolução de uma situação onde coloca em cheque a FÉ e a CIÊNCIA, e muitos ritos antigos, vemos que a igreja e demais cultos, traduzem o lado mal como uma pessoa, um espírito que se apodera da pessoa e consegue manipular.

Através de processos rituais onde existem amuletos e demais objetos do *RELICARE*, fazendo com que a possessão venha deixar o seu subserviente.

Analisando de uma forma mais crítica, vemos que esse processo a além de um ato vocacional existe a necessidade de conhecimento e estudo, onde independente da religião, credo, nacionalidade o Exorcista, necessita como diz SUN TZU “... Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo ...” ,

Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você se conhece mas não conhece o inimigo, para cada vitória ganha sofrerá também uma derrota. Se você não conhece nem o inimigo nem a si mesmo, perderá todas as batalhas...

Sendo ponto de pesquisa desse estudo, vislumbra os ritos de forma científica e mística do processo físico e afísico, onde vivemos em um mundo que a ciência quer desacreditar a existência de um ser Imaterial e superior, e os fatos mostram que o afísico está presente mais de uma forma difusa que nos aparenta afásico.